

OBRAS BRASILEIRAS PARA FAGOTE SOLO

Ariane Petri

O repertório de obras brasileiras para fagote solo é raramente executado em concertos, o que é resultado do desconhecimento do repertório, como também da dificuldade de acesso ao mesmo, uma vez que uma grande parte das obras nunca foi editada. Junte-se a isso uma certa resistência ao conhecimento e uso das técnicas contemporâneas - como por exemplo multifônicos, alteração e oscilação de afinação etc. - usadas por alguns compositores, uma vez que o ensino dessas técnicas geralmente é desprezado, mesmo em nível universitário. Aprendê-las autodidaticamente é penoso, fato que pode desanimar muitos fagotistas a incluir tais peças no seu repertório.

Esse trabalho tem assim por objetivo o levantamento, a análise (quanto às características composicionais e ao tratamento fagotístico) e a catalogação das peças para fagote solo escritas por compositores brasileiros. São consideradas aqui todas as obras sem acompanhamento, sejam elas peças isoladas (intituladas *Sonatina*, *Estudo*, *Tema e Variações* etc.) ou peças dentro de um contexto maior, por exemplo numa coletânea para instrumentos solo. Transcrições para fagote que não tenham sido feitas pelo próprio compositor, assim como peças que possam ser executadas por qualquer outro instrumento, não são consideradas, já que nelas não é possível chegar a conclusões sobre as exigências técnicas e sonoras do fagote.

O acervo até agora reunido abrange 29 peças de autoria de 22 compositores brasileiros. Consultamos os catálogos do Itamaraty (datados de 1977) e, catálogos produzidos pelos próprios compositores nos casos de Ernani Aguiar, Ernst Mahle, José Guerra Vicente e Yves Rudner Schmidt¹. Tomamos conhecimento também de algumas obras através de pesquisa em arquivos públicos no Rio de Janeiro e arquivos particulares no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, dos quais a Seção de Música da Biblioteca Nacional e, sobretudo, o arquivo particular de Noel Devos se mostraram como as

¹ Os três últimos compositores citados não escreveram para fagote solo.

fontes mais valiosas.² Quanto aos compositores, a pesquisa até o momento foi baseada na listagem apresentada no *Guia da Música Contemporânea Brasileira 1998*, do Centro de Documentação de Música Contemporânea CDMC - Brasil/UNICAMP. Vale observar que com a continuação e a expansão da pesquisa, é possível que esse quadro seja alterado, especialmente no que diz respeito às obras mais recentes.

Numa avaliação preliminar constatamos que a produção brasileira de obras para fagote solo teve seu início nos anos 50, continuando até os nossos dias. A peça mais antiga de que tomamos conhecimento data de 1954 (de autoria de Gilberto Mendes), enquanto a mais recente é de 1995 (de Roberto Victório). A tabela a seguir traz as obras até agora coletadas e agrupadas por década segundo as datas de composição. Temos assim: uma obra escrita na década de 1950; uma obra escrita na década de 1960; nove obras escritas na década de 1970; trinta obras escritas na década de 1980; e cinco obras escritas nesta década. Podemos assim concluir que a década mais frutífera em termos de repertório para fagote solo foi a dos anos 80, logo seguida pela dos anos 70.

Tabela: Obras brasileiras contemporâneas para fagote solo

	compositor	título da obra	local e data de composição	dedicatória
DÉCADA DE 1950:	Gilberto Mendes (n. 1922)	Estudo	1954	
DÉCADA DE 1960:	Francisco Mignone (1897-1986)	Sonatina para fagote solo	Rio de Janeiro, 1961	Noel Devos
DÉCADA DE 1970:	Ersnt Widmer (1927-1990)	Peças 19 a 21 de 69 peças crônicas e anacrônicas	1970	
	Mauro Rocha	Peça para fagote	1973	
	Oswaldo Lacerda (n.1927)	Quatro variações e fugueta sobre um tema infantil	São Paulo, 1974	
	Ernst Widmer	Catala op. 93c	1976	
	José Siqueira (1907-1985)	Estudo de virtuosidade	Rio de Janeiro, 1978	
	Emílio Terraza (n. 1929)	Momentos para fagote M.29	Brasília, 1978	“a minha filha Paula”
	Ernani Aguiar (n.1950)	Meloritmias n 3	1979	
DÉCADA DE 1980:	Eduardo Seincman (n. 1955)	Combinações	1980	

² A Biblioteca Nacional tem no seu acervo somente nove peças para fagote solo de oito autores, enquanto Noel Devos possui mais que o dobro.

	compositor	título da obra	local e data de composição	dedicatória
DÉCADA DE 1980:	Emílio Terraza	Tango M. 26	1980	
	Bruno Kiefer (1923-1987)	Ambivalência	1981	Noel Devos
	Francisco Mignone	16 Valsas para fagote solo	1979-1981	Noel Devos
	A. Niemeyer	Micro-Bios	Brasília, 1981	
	Nelson de Macedo (n. 1931)	Fagotata	Rio de Janeiro, 1982	Ricardo Raroport
	Nelson de Macedo	Louvação	Rio de Janeiro, 1982	Airton Barbosa
	Nelson de Macedo	Modinhando	Rio de Janeiro, 1982	Juliano Barbosa
	Aylton Escobar (n. 1943)	Cantares para Airton Barbosa	Rio de Janeiro, 1983	Airton Barbosa
	Cláudio Santoro (1919-1989)	Fantasia sul América	1983	
	Mário Trompowsky (n.1956)	Sonata No.1	1983	
	Andersen Viana	Fantasieta	1984	
	Alexandre Eisenberg (n. 1966)	Megalodron	Rio de Janeiro, 1984	
	Oswaldo Lacerda	Queixas e reclamações	1985	
	José Siqueira	Estudo para fagote solo	198?	
DÉCADA DE 1990:	Flávio Figueredo	Variação para fagote solo	Brasília, 1992	
	Alceo Bochino (n. 1918)	Naninoel (improviso franco-nordestino)	Curitiba/Rio de Janeiro, 1992	Noel Devos
	James Correa (n. 1968)	Dança Faustica	1993	
	Randolf Miguel (n. 1961)	Melos	Rio de Janeiro, 1993	Noel Devos
	Roberto Victorio (n. 1959)	Grundi	1995	

Na sua dissertação sobre os fagotes alemão e francês, Marcio Zen afirma que “a maioria do repertório atual para fagote foi escrito para o fagotista Noel Devos (fagote francês).”³ Esta colocação coincide com a de Aloysio Fagerlange, que afirma, em sua pesquisa sobre a história do fagote no Bra-

³ Zen, M., *Os Fagotes Buffet e Heckel: um estudo comparativo*, Dissertação de Mestrado, Rio de Janeiro: Escola de Música da Universidade do Rio de Janeiro, 1996, p. 64.

sil, que a maioria das obras escritas para fagote na segunda metade desse século no Brasil foi dedicada ao professor Noel Devos.⁴ De nacionalidade francesa e radicado no Brasil desde 1952, Devos é o fagotista mais atuante no país e tem se dedicado à difusão do repertório nacional. A presença de Devos no cenário musical brasileiro representa um incentivo aos nossos compositores a escreverem obras para fagote solo. No repertório que coleamos, das onze peças que trazem uma dedicatória apenas cinco são para Noel Devos. Mas mesmo sem uma dedicatória formal nas demais obras, é inegável a influência de Devos em todo o repertório, pois ele é constantemente procurado por compositores para opinar sobre peças já prontas ou em processo composição.⁵

No Brasil convivem, no dia-a-dia musical, dois modelos diferentes de fagotes: o de sistema francês e o de sistema alemão.⁶ Estes dois instrumentos apresentam características sonoras, acústicas e mecânicas distintas, a ponto de um fagotista acostumado a um tipo de instrumento não conseguir tocar o outro instrumento sem passar por uma longa fase de adequação. A junção dos dois instrumentos num naipe, por exemplo numa orquestra, pode criar um desequilíbrio de sonoridade, além de problemas de afinação.⁷ A este respeito, Baines comenta:

Enquanto tem sido enfatizado que o som dos instrumentos de sopro de madeira francesa difere do alemão, as diferenças entre os instrumentos não são fundamentais, aquele que toca um instrumento francês pode fazer soar como se tocasse em um instrumento alemão e vice-versa. Todavia, com o fagote, a diferença é sempre inconfundível, seja qual for o instrumentista.⁸

Comparando os dois fagotes pelo ponto de vista acústico, temos as seguintes diferenças básicas:

- o tubo do fagote francês é maior, sendo sua conicidade, no entanto, menos acentuada;
- o local e o tamanho dos orifícios são diferentes;

⁴ Fagerlande, A., "Uma pequena história do fagote no Brasil", *Revista Eldorado* n°2, primavera de 1998, Buenos Aires, pp. 18-20.

⁵ Zen, M., comunicação pessoal.

⁶ Isso é uma particularidade brasileira que talvez se repita somente na Espanha, Suíça e parcialmente na França, e mesmo assim com muito menos força.

⁷ Para todos os instrumentos de sopro de madeira existem uma versão alemã e uma francesa. Porém, os resultados sonoros não diferem tanto quanto no fagote.

⁸ Baines, A., *Woodwind instruments and their history*, Londres: Faber, 1957, pp. 152-53, tradução livre de Márcio Zen.

- enquanto o orifício da campana no fagote francês se encontra fechado, no alemão o mesmo fica aberto.

Tais diferenças resultam em diferenças de timbre, afinação, resposta do instrumento, além de serem necessárias soluções distintas de dedilhado. Enquanto o som do fagote francês geralmente é caracterizado como sutil, um pouco nasal e com sonoridades diferentes nos vários registros do instrumento, a sonoridade do fagote alemão é mais encorpada, mais uniforme, faltando-lhe, talvez, um pouco de variedade de timbre. Por causa das diferenças de construção, o sistema francês oferece mais facilidade no registro agudo, recurso bastante explorado na literatura francesa deste século.

A particularidade brasileira da convivência destes dois modelos nos levou a pensar que a produção composicional possa ter sofrido uma diferenciação que se acentuaria nas obras solo. Todavia, algumas entrevistas já realizadas com compositores e fagotistas não confirmaram este fato. Muitos compositores, ao escrever para fagote, não pensaram em nenhum fagotista ou modelo especial, mas compuseram, sim, para o instrumento em si. Noel Devos, por sua vez, conta que o interesse dos compositores ao escreverem para o instrumento aumentou depois que ele começou a se apresentar em recitais por todo o país, demonstrando seu virtuosismo e sua interpretação. Por isso, teria sido para Devos, e não para o instrumento francês, que os compositores brasileiros escreveram.⁹

Numa primeira análise pudemos constatar que pelo menos cinco das vinte e duas obras que já estão em nossas mãos teriam uma execução mais favorável no fagote francês. Referimo-nos ao *Estudo de virtuosidade* para fagote e ao *Estudo para fagote solo* de José Siqueira e três das 16 *Valsas para fagote solo* de Francisco Mignone, intituladas *Valsa quase modinheira*, *Valsa em si bemol menor* e *6ª Valsa brasileira*. O elemento que determinou a nossa escolha do tipo de fagote mais apropriado para a execução dessas peças foi o uso mais ou menos freqüente da região dos extremos agudos - basicamente envolvendo mi e fá 4- em articulação *non legato* ou *staccato*, sem o tempo suficiente para preparar o ataque com calma.

Numa segunda etapa do trabalho, pretendemos observar as características composicionais de cada obra para que o leitor possa ter uma idéia prévia de uma peça antes de ter em mãos a partitura. Para isso, queremos

⁹ Devos, N., comunicação pessoal, 29 de setembro de 1998.

descrever o que as obras têm de mais característico, como a articulação e transformação dos seus elementos de linguagem musical. Com o objetivo de definir o grau de dificuldade das obras serão avaliados a extensão das frases em *legato*, a frequência do uso dos registros extremos, o aparecimento de saltos grandes com ligaduras e a relação entre os andamentos e as notas de menor valor. Esperamos assim poder elaborar, num formato acessível, uma referência de consulta para fagotistas e demais interessados na matéria, e contribuir para a divulgação deste rico repertório da nossa música.